

ENTERRE O SEU SEGREDO. OU MORRA POR ELE.

A
CASA

MARIONNE
J. ELLE



A HISTÓRIA DE AMOR PROIBIDO DOS MEUS SONHOS MAIS LOUCOS
— **Ali Hazelwood**, autora de *A hipótese do amor*

A
CASA
MARIIONNE
J. ELLE

TRADUÇÃO
Carla Betteli



Título original: *House of Marianne*

Copyright © 2023 by J. Elle

Copyright do mapa © 2023 by Virginia Allyn

Copyright da capa @ 2023 Elena Masci

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela LIVROS DA ALICE, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Av. Rio Branco, 115 — Salas 1201 a 1205 — Centro — 20040-004

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E45c

Elle, J.

A casa Marianne / J. Elle; traduzido por Carla Bettelli. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Livros da Alice, 2024.

Formato: epub com 4.247KB

Título original: House of Marianne

ISBN: 978-65-85659-21-5

1. Literatura infantojuvenil. I. Bettelli, Carla. II. Título.

CDD: 869

CDU: 82-31

André Felipe de Moraes Queiroz – Bibliotecário – CRB-4/2242

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA EDITORA:



SUMÁRIO

O Dragun

PARTE UM

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

PARTE DOIS

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

PARTE TRÊS

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito

PARTE QUATRO

Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro

PARTE CINCO

Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete
Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta
Cinquenta e um

Agradecimentos

Para os primeiros de seu nome, herdeiros de nada: os diferentes e os peregrinos.

Nota da autora

Os cenários e acontecimentos ficcionais de *A Casa Marionne* foram inspirados em diversas partes do mundo e não têm a intenção de representar de modo fiel qualquer evento, cultura ou povo de nenhum momento da história.



A CASA MARIONNE
ESPECIALIDADES DISPONÍVEIS



ANATÔMERO

Transfiguração de anatomia



ÁUDITRO

Transfiguração de som



TRANSMORFO

Transfiguração de matéria



RETENTOR

Remoção de magia



CULTIVADOR

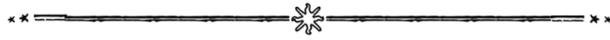
Transferência de conhecimento



DRAGUN

Somente convidados

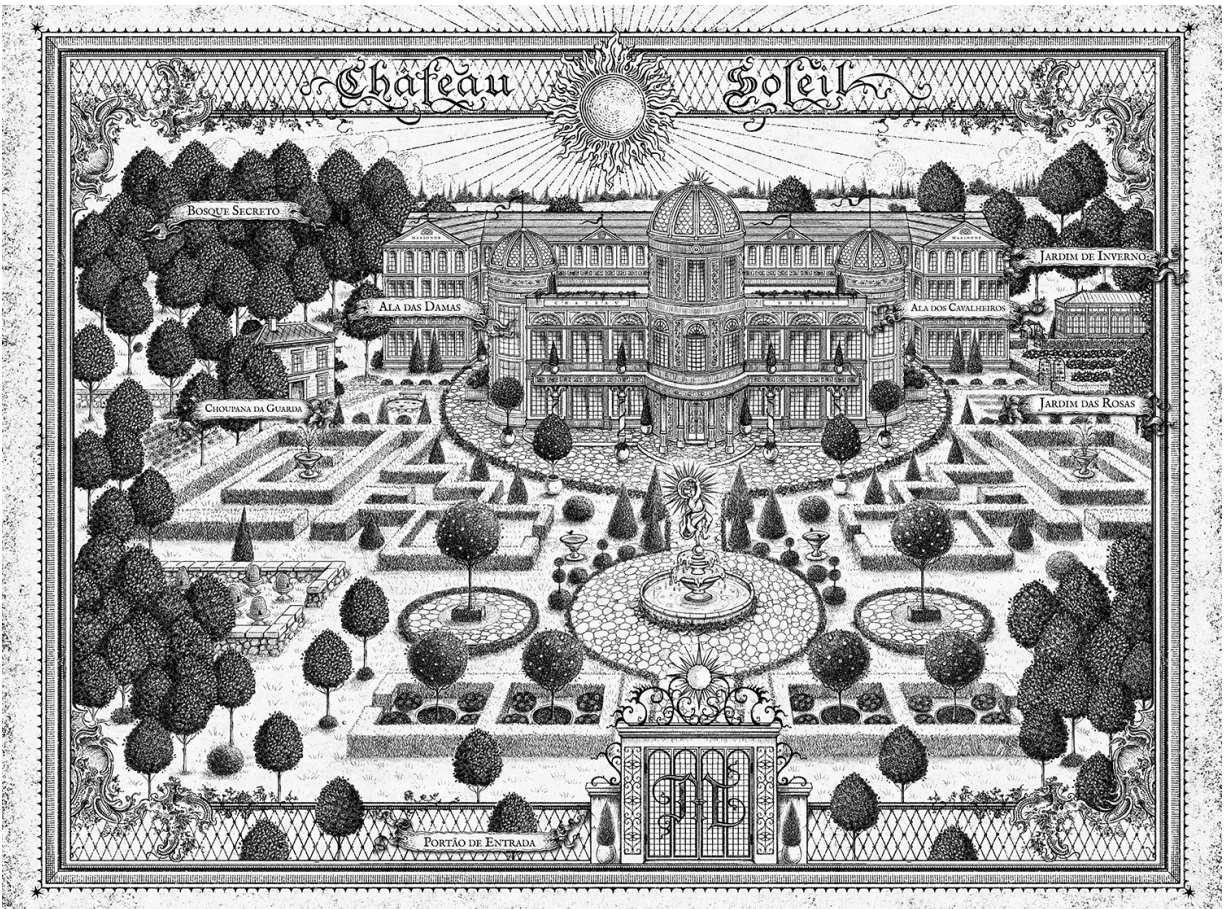
Sanguis electorum dives est.



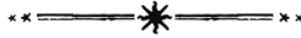
*A medida mais certa de nossa intendência
é a da nossa elasticidade como um só corpo que,
em face do peso da responsabilidade exigida pela magia,
dividir-se-ia ao meio, com os ombros cansados.
Doravante, assino este Comissionado Pacto da Esfera,
no 14.º dia de junho no importante ano de 1781,
e me sujeito ao fardo da manutenção da unidade
e do dever fiel de uns para com os outros.
Este esforço deve ser
a maior conquista do mundo vivo
ou a ruína perpétua de todos nós.*

*Westin Alkomae,
Superior, Sétimo de Doze, Primeiro de sua Linhagem,
A Prestigiosa Ordem dos Mais Elevados Mistérios
1740–1781*





O DRAGUN



Yagrin passou um dedo pela lâmina e inspirou bem fundo. Ele detestava essa parte. O cheiro de lixo pairava sob suas narinas, e ele puxou o casaco, envolvendo-o mais forte ao redor do corpo. Botou a cabeça para fora de onde se escondia, entre a loja de bugigangas e a padaria.

— *Memento sumptus* — murmurou para si mesmo, como se isso fosse eliminar a sensação de enguias em seu estômago. Seu olhar avaliou o trânsito.

Ali estava ela.

Um gorro listrado cor-de-rosa na cabeça, mechas de cabelo encaracolado aparecendo por baixo. Ela usava calça jeans justa e um suéter com mangas estilo quimono num tom intenso de verde. O nervosismo formava um bolo na garganta de Yagrin. E ele não parava de bater o pé no chão.

Seus dedos, porém, apertaram o cabo da adaga que tinha no bolso.

Era uma arma ágil, com seu opulento punho de metal esculpido para caber na curva da palma da mão. As pontas dos dedos ficaram úmidas. Limpou o sangue na calça enquanto esperava Gorro Rosa passar e ele pudesse se misturar à multidão atrás dela. Ele seria paciente. Tomaria cuidado. Adiarda o trabalho durante semanas para isto. *Para ser invisível*. Era o nome de sua Casa, afinal. Ele tinha que estar à altura do nome da Casa.

Primeiro de tudo, ele tinha que pegá-la quando estivesse sozinha. Isolada.

Você não é um assassino, Yagrin, alegou uma voz em sua cabeça, mas ele a domou com recitações escritas no coração. *Secretum*. Gorro Rosa era uma ameaça direta ao modo de vida deles, soubesse ela ou não. E por isso deveria morrer.

Ela passou por ele com passos firmes. Ele se olhou no vidro do outro lado e arrumou-se antes de saltar do beco escuro para o movimentado distrito comercial a fim de não perdê-la de vista. O gorro aparecia e desaparecia em meio à multidão; ela estava com o rosto grudado em um celular. Ele não

conseguia ver direito a expressão da jovem, que seguia devagar e tranquila, cumprimentando cada pessoa com quem fazia contato visual.

Os dedos dele se contraíram enquanto ele repassava o plano mentalmente. A adaga enfeitiçada faria um serviço mais limpo. Mais silencioso. Ele tirou uma moeda do bolso e a lançou para cima. *Cara. Cai cara, droga.* Ele não deveria ser supersticioso; superstição era magia de mentirinha, e ele não precisava fingir. Ele tinha a magia de verdade. A moeda cintilou na luz do sol e, ao cair na palma de sua mão, deu coroa.

— Droga — murmurou. Quaisquer esforços dele naquele dia seriam bem-vindos.

Se não fosse ele, seria algum de seus irmãos Draguns, refletiu. Suas entranhas reviraram. Ele fechou a mão, apertando a moeda. Suor brotou em sua testa, e ele abriu caminho para um passeador de cães com uma coleção de guias enroladas. Gorro Rosa parou para tomar um café, e ele deixou que ela fizesse isso, tomando o cuidado de se manter fora de vista.

Enquanto ela se recostava em uma cadeira, bebendo um cappuccino, ele mexeu no celular, sentindo-se superior, como se aquele instante de misericórdia de algum modo melhorasse a situação. Como se o tornasse uma pessoa melhor. Como se o redimisse da vida que o havia escolhido. Ela gostava do cappuccino com canela e chantili. E também de esperar o café esfriar.

O dedo de Yagrin pairou sobre a palavra “Mãe” no telefone, não aquela que o entediava, mas aquela para quem tinha feito um juramento. Ele engoliu em seco, tocando no contato, e ouviu chamar. Tocou no botão de desligar, sabendo o que ela diria. *O dever é a honra dos que têm boa vontade.*

Ele olhou ao redor em busca de testemunhas, vasculhando as multidões dentro e fora das lojas. Um casal apaixonado, com braços enroscados um no outro, dividia um muffin. Uma garota de cabelos cacheados e sardas no rosto esperava sentada em um ponto de ônibus, mexendo num chaveiro.

Ele sentiu um arrepio o atravessar. Hoje não parecia um bom dia para matar.

Uma menininha saltitante tinha diante de si uma casquinha tripla de sorvete tão alta quanto ela. O sorvete bambeava em suas mãos, e ele a ajudou a segurar firme. Ela sorriu para ele em agradecimento, e os lábios dele abriram

um sorriso. Mas ele o afastou do próprio rosto. Não merecia a alegria que isso lhe trazia.

Ele engoliu em seco, cerrando o punho. *Quanto mais praticasse, mais fácil seria.* Mas nunca achou nada daquilo fácil. Nem quando aceitou a missão. Nem quando foi iniciado na Ordem. O fingimento foi o que o fez seguir em frente. Ele fez os gestos, vestiu o smoking forrado de seda, pôs a máscara, segurou a adaga, pressionou-a contra o próprio coração. Ele talvez não fosse corajoso. Mas era esperto. Sempre fora esperto.

O estalar da adaga contra ossos era algo que ele havia aperfeiçoado. Enganar os ouvidos, transfigurando a forma e as notas conforme o som se movia pelo ar, era algo fácil para ele. Fazer a mãe e os demais pensarem que ele tinha se perfurado com a adaga foi simples. Se produzisse o som e fizesse parecer que tinha acontecido, achariam que ele tinha completado o Terceiro Ritual. Ninguém precisava saber que ele era, na verdade, um covarde.

Porém, fingir não funcionaria agora. Ele tinha que matar a garota.

E depois outra, e mais outra. Já era hora de se acostumar com a função. Ele procurou o gorro cor-de-rosa, mas encontrou a mesa vazia, exceto pela caneca. O coração dele pulou no peito enquanto os olhos analisaram a multidão, que borbulhava com conversas animadas. Maletas balançavam em meio a pernas.

— Ela estava aqui agora mesmo — ele disse para si mesmo.

Vagando perto de uma cerca viva no pátio do café, ele sentiu o cheiro da garota antes de vê-la. Baunilha e canela, um jardim de jasmim. Uma pequena colina de chantili em seu lábio.

— Desculpe, eu estava só... — Ela se moveu, tentando passar. Os olhos dela eram de um profundo tom de ébano e, ainda assim, tão brilhantes quanto o sol.

— Não, eu que peço desculpas.

— A gente já se co...? — Ela sorriu, prendendo o cabelo atrás da orelha. — Você me é familiar — disse ela, enfim conseguindo passar por ele.

Ele caminhou ao lado dela com a mão enfiada no bolso, segurando com firmeza o metal.

— É mesmo? — Ele sorriu. — Quer dizer... Gostaria de dizer que já nos conhecemos... ou que foi o destino.

Ela enrubesceu, o que o fisgou de um jeito que não deveria. Mas aquilo era trabalho, então se manteve firme no plano: *Conquiste a confiança dela*. Eles andaram juntos, e ele prestava atenção no que ela falava, pontuando respostas com sorrisos e acenos de cabeça. Ela falava mil palavras por segundo, pegando velocidade rápido. Ele fazia comentários sobre detalhes que sabia serem do interesse dela... como cachorrinhos, suéteres de tricô e qualquer coisa com sabor de maçã. Cada menção a esses assuntos a fazia sorrir, formando ruguinhas no canto de seus olhos.

— Parece mesmo destino — disse ela.

— Deve ser. — Ele se sentiu enjoado. — Você está com tempo?

— Pra quê?

Ele reprimiu as entranhas trêmulas e deixou-se dominar pelo monstro que fora criado para ser.

— Tem um café bem diferente perto da estradinha, por ali, que tem o melhor profiterole do mundo. — Ele apontou para uma passagem próxima, além das multidões e do barulho. — Acho que você vai gostar. Quer ir comigo?

Ela hesitou, conferindo o telefone. *Tranquilize-a, Yagrin*. Ele forçou os lábios a abrirem um sorriso gentil, se certificando de deixar os dentes à mostra, erguendo as bochechas de modo que covinhas abraçassem seus olhos.

— São muito bons, sério.

Os lábios dela franziram enquanto ela pensava. O brilho em seu olhar mudou de curiosidade para uma empolgação ansiosa.

— Tudo bem. Só por uns minutos. Vamos.

Ele a conduziu para longe da multidão do horário do almoço, na direção de uma viela, tão focado quanto um laser.

— É logo ali.

Ela assentiu. Quanto mais adentravam pelo caminho, mais as sombras se aprofundavam.

— Falta muito? — perguntou ela, com os braços em torno de si.

Ele podia ouvir o coração dela bater mais rápido.

— Só mais um pouquinho. Por aqui.

Ela esticou o pescoço para ver melhor. Yagrin sentiu o conhecido calor granuloso percorrer seu corpo: era sua magia aquecendo. Ele passara a odiar aquela sensação. Agora, porém, a magia queimava no lugar da coragem que lhe

faltava, lembrando-o de quem ele era. Ele era o 12.º de sua linhagem, sua magia era forte, assim como a de seu pai e a de seu avô. Doze gerações da família, todos Draguns. Ele respirou fundo e deixou a memória muscular assumir o controle, como havia aprendido no treinamento. Então, abriu a mão, sentindo um frio intenso no ar. Ficou parado, o frio abrindo caminho pela palma da sua mão, subindo pelos braços. Ele sentiu um formigamento no corpo todo por causa da magia, transformou-se em si mesmo e desapareceu em uma nuvem escura.

Ela ofegou.

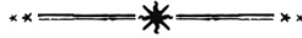
O símbolo de sua Casa surgiu em sua mente e ele engoliu o desgosto do arrependimento. Então pressionou seu corpo contra o dela. Gorro Rosa gritou. Ele uniu seus corpos ainda mais, agarrando-se ao Pó Solar que corria em suas veias, e arrancou fios invisíveis do ar. Os gritos de terror dela se transformaram em risadas, a magia quente dele enfeitiçando os sons, nota por nota. Parecia, de alguma forma, mais doce desse jeito. Ele fechou os olhos, imaginando o sorriso e o perfume dela.

— Sinto muito — murmurou para a garota, lânguida em seus braços. E ele sentia mesmo.

Mas o dever era a morte da liberdade.

«—*—»
PARTE UM
«—*—»

UM



Eu acreditava que a magia era um brilhante e fantasioso fingimento.

Então descobri que ela *é* real.

Mas também *é* sombria e venenosa.

E o único jeito de se esconder dela

É não existindo.

— Quell, está me ouvindo? — Mamãe aperta minha mão quando o nosso carro para diante do French Market, em North Peters.

— Sim, vou pegar meu pagamento da semana, *é* só entrar e sair.

— Essa *é* minha garota. Seja rápida, vou fazer a volta com o carro. — Com um sorriso cauteloso, ela afasta da bochecha meus cachos soltos antes de eu sair do nosso Civic 1999, um achado de ferro-velho, com a pintura azul já ressecada e gasta. Antes desse carro, tínhamos uma velha caminhonete amarela. E, antes da caminhonete, íamos pra todo lugar de ônibus. Mas mamãe não gosta de não ter um jeito de se levantar e sair (*fugir*) de uma hora pra outra. Por isso fez questão de aprender a consertar muito bem esses achados velhos.

E a me esconder muito bem.

Catorze escolas. Doze anos. Nove cidades.

Todo lugar era a mesma coisa: um pano de fundo no qual eu me misturava. Sempre que mamãe suspeita que alguém possa saber do veneno que corre em minhas veias, ela enfia todas as nossas coisas em uma mala amarela pequena e rígida. É incrível como minha vida inteira pode ser compactada em algo tão pequeno e jogada no porta-malas de um carro. No início eu guardava tudo o que dava na minha bolsa. Agora, só pego meus tênis, o carregador do celular e meu chaveiro da sorte. Os incontáveis lugares para os quais nos mudamos e o borrão de rostos dos quais me despedi são lacunas na minha

memória, elipses pairando em frases incompletas. Há muito tempo parei de perguntar para onde vamos.

Porque fugir se tornou o destino das nossas viagens.

O ar úmido, graças ao borbulhante rio Mississippi aqui perto, me agride, grudando na minha pele, tornando-a pegajosa. As luzes traseiras de nosso carro *hatch* enferrujado ficam vermelhas antes de desaparecer em uma esquina. Faltam apenas duas semanas para eu terminar o ensino médio, e estou tentando trabalhar o máximo possível para juntar dinheiro para os grandes planos que mamãe e eu temos.

De finalmente nos mudarmos para um lugar e *ficar* nele.

Se um pássaro preso em uma gaiola canta sobre liberdade, e uma canção pode ser um conjunto de sons sem palavras, um pedido, um desejo intenso, então eu canto sobre ar salgado e areia entre meus dedos dos pés. Sobre um lar que não seja um alvo em movimento. Nosso plano para depois que eu me formar é achar uma casinha na praia — uma praia de verdade, não a água lamacenta perto da qual estamos vivendo nos últimos seis meses em Nova Orleans — e nos perdermos na areia.

Faltam apenas duas semanas.

Eu me enfio na agitação da tarde do mercado lotado, e é como calçar um par de sapatos antigos. Desapareço na multidão de compradores no pavilhão ao ar livre com o queixo grudado no peito, as mãos enfiadas nos bolsos.

Seja esquecível.

A sra. Broussard está com o pagamento pelos meus turnos de trabalho da semana passada. Ela é uma confeitaria local cuja família vende bombons desde que os bombons existem. O mercado vibra com uma energia que desacelera meus passos. Há pessoas demais ali. O local habitual onde a sra. Broussard posiciona sua mesa de produtos está ocupado por um vendedor ambulante de molhos picantes de variadas intensidades. Minha pulsação acelera ao me deparar com esse imprevisto.

Entro e saio da multidão, evitando olhares curiosos e buscando uma bandana cobrindo uma cabeça com cabelo grisalho preso. Meus dedos formigam com uma dor gélida, um conhecido sinal de que a maldição que corre em minhas veias — minha *toushana* — está ativa. Engulo em seco,

tentando reprimir, implorando para que ela se acalme. É mais seguro ser invisível; é mais seguro não ser ninguém.

— Quell?

Hesito ao ouvir alguém chamar meu nome.

— É você, garota? — A sra. Broussard acena para que eu vá ao seu encontro, e a fila que serpenteava na mesa dela se abre para que eu possa passar. Minha pele queima, sentindo o olhar dos clientes. *Não faça contato visual.*

— Tonta'lise chegou antes, sabe. Tive que montar minhas coisa tudo aqui. E ela sabe que todo dia eu tô lá naquele lugar. E mesmo assim ficou lá, e tá tentando robá meus cliente. — Ela põe a mão na cintura. — Você veio pegá seu dinheiro?

Faço que sim com a cabeça e a sra. Broussard tira um envelope do bolso do avental. Esse é o primeiro emprego que minha mãe me deixou ter, porque precisamos do dinheiro e porque a sra. Broussard não faz muitas perguntas. Ela me paga em espécie e só perguntou meu nome uma vez.

— Vai fazê hora extra semana que vem?

— Só depois que as aulas acabarem.

— Tá bom. Não fica dando mole por aqui, viu? Vai embora antes de ficar tudo escuro, ouviu bem?

O envelope grosso na minha mão acalma meus nervos. Conto o dinheiro. Duas vezes. Dou um sorrisinho ao agradecer à sra. Broussard e me viro para ir embora. A multidão se adensou tal qual maisena no caldo. *Seja imprevisível.* Um grupo de turistas tinha se alojado na entrada do mercado, então vou atrás de outra saída. Longe dos vendedores, perto de uma tenda abandonada cheia de castiçais de flor-de-lis, há uma placa indicando a localização dos banheiros. Um sinal de saída vermelho se destaca ao lado deles e eu sigo para lá. Minha mãe vai ficar preocupada se eu demorar muito.

O corredor sinuoso em direção aos banheiros faz uma curva e as lâmpadas do teto piscam. Pequenas setas de saída brilham em vermelho, me indicando que devo avançar pelo corredor. Já era para eu ter visto os banheiros, mas ainda não os encontrei. O pavilhão do mercado é aberto, então deveria haver luz do sol à frente. As lâmpadas fluorescentes piscam de novo e eu caminho mais devagar. Isso não parece certo. A preocupação me fisga e dou meia-volta para retornar por onde vim.

Mas descobro que há uma parede ali.

Alguma coisa, como uma sombra ou um truque de luz, cria uma forma parecida com uma flor na superfície de estuque. Eu pisco e ela some. Meu coração vacila; minha *toushana* desenrola-se em meus ossos, dançando com meu pânico, me ameaçando, como um aviso de que logo mais vai ressurgir em mim.

Eu me viro, mas em todas as direções as paredes mudaram de lugar ou se fecharam. Não há mais placas mostrando a direção dos banheiros nem luzes vermelhas brilhantes indicando a saída.

— *Memento sumptus* — ouço alguém dizer. A voz vem de uma porta estreita que se esconde, quase invisível, na parede. A cautela me puxa como se fosse uma corrente. Encosto a orelha na porta com cuidado e escuto, com as mãos juntas às minhas costas, só por segurança. Vozes tensas se entrelaçam em uma discussão aos sussurros. Há dois homens, me parece. Escuto melhor e percebo que há muitos outros. Eu me inclino levemente para a frente, na ponta dos pés, pressionando meu peso contra a porta para abrir uma fresta.

Lá dentro, homens com mantos escuros formam um círculo ao redor de outro homem preso em uma cadeira. Em volta, empilham-se fileiras de barris marcados com a imagem de um galho espinhoso enrolado em um sol preto e com palavras em um idioma que não reconheço.

— Vá em frente, Sand — diz um dos homens depois de encher um barril com um líquido claro. — A gente limpa.

Um cara loiro chicoteia o ar com o braço e os barris estremecem. Uma névoa surge no ar, ondulante como chuva na janela. Conforme ela se dissipa, ele repete o gesto, e, desta vez, os barris desaparecem. Eu estreito os olhos, com o coração na boca.

Encaro minhas mãos, confusa, e consigo ainda imaginar as partículas de escuridão que sangram pelas pontas dos dedos quando minha *toushana* se manifesta, destruindo tudo que toco. Quando eu era pequena, a chamava de “o escuro”. Depois que cresci e descobri sua natureza odiosa, e passei a chamá-la de “maldição”. Há alguns anos, mamãe, enfim, me corrigiu, depois de alguém ter me ouvido reclamar daquilo. *Toushana* é seu nome. Um tipo de malformação congênita, mamãe dissera. Era mentira. Mamãe tem esse

costume. Eu a tinha ouvido murmurar consigo mesma sobre esse veneno que carrego.

Chamou de magia.

Mas, seja lá o que esses homens estejam fazendo, parece algo bem diferente. Minhas unhas se cravam no batente da porta enquanto encaro com mais atenção aquele cômodo pouco iluminado. Nunca vi outra magia que não fosse a minha.

— Qual era a ordem, Charlie? — pergunta Sand. Os outros no cômodo observam das sombras.

— Nada de prisioneiros. Hoje, não. — Charlie pousa as mãos sobre os joelhos e encara o cativo nos olhos. — Que Sola Sfenti o julgue com justiça.

— Dane-se você e seu Deus Sol — o homem amarrado cospe enquanto Charlie dá uma longa tragada em um charuto grosso. Sopra fumaça no rosto do prisioneiro. Então faz algo com os dedos, rápido e longe demais para que eu possa identificar o gesto. O homem preso joga a cabeça para trás, engasgando e se contorcendo de dor, com punhos e tornozelos vermelhos por estarem amarrados. A fumaça dos lábios de Charlie paira feito uma nuvem em torno do rosto do homem, consumindo e sufocando. Ele arfa buscando o ar e, momentos depois, para de se contorcer. A cabeça dele fica caída, e eu me inclino para a frente, cruzando os dedos, tentando desacelerar minha pulsação latejante. *Ele tá... morto. Aquele homem, eles...*

— *Fratris fortuna.* — Uma voz surge atrás de mim. Eu me viro e lá está um homem de terno escuro, igual ao que os outros homens estavam usando. Mas, diferente deles, sobre as sobrancelhas e o nariz deste homem há uma máscara escura e reluzente, com um relevo intrincado que se alonga acima de suas maçãs do rosto angulosas. A expressão dele se endurece diante do meu silêncio.

Dou um passo para trás e encosto na parede. Não há onde se esconder. Suas sobrancelhas se juntam, intrigadas, e meu coração bate mais rápido. A dor da minha *toushana* aumenta e minhas mãosregelam. Tenho alguns minutos, talvez, antes que ela rasgue as pontas dos meus dedos, como um cano quebrado. A pressão incha no peito. *Fuja.* Dou um passo para o lado. A mão do homem agarra meu pulso, mas sinto na minha garganta.

— O que está fazendo aqui?

O envelope com o pagamento escorrega pelos meus dedos, e tento pegar antes que caia no chão.

— Ah, ah. Não se mexa.

O sobretudo está todo abotoado, e um pingente de prata reluz em seu pescoço. Traz uma imagem gravada nele, uma coluna românica com uma rachadura, como se tivesse sido quebrada ao meio. Aperto os olhos, tentando lembrar onde vi aquele símbolo antes. Sobrancelhas grossas turvam sua expressão tensa.

— Responda.

— Estava procurando a saída e me perdi. Achei que era perto do banheiro. — Puxo, mas ele não solta. O homem olha por cima, para onde havia uma porta, mas agora tem uma parede de pedra. Meu coração palpita. — Eu... eu não entrei ali, se é o que está pensando.

— Ali... *onde?*

— Tinha uma porta, mas percebi que não era o banheiro, então dei meia-volta. *Juro!* — Mentir é arriscado demais. As pessoas acreditam com muito mais facilidade em meias verdades.

— Qual é seu nome?

— Eu...

A resposta fica presa na garganta, a magia esvoaça dentro de mim como uma mariposa em busca de um lugar para pousar. Mamãe troca o meu nome a cada mudança, revezando entre os mesmos três ou quatro. Quell *Jewel*. Não Quell *Marionne*. Que mora no número 711 da rua Liberty. Nascida numa cidadezinha próxima. Recém-chegada. Cujo pai viaja muito a trabalho. Ter pai e mãe significam menos perguntas. Meu roteiro, que mamãe gravou na minha mente ao longo dos anos, está na ponta da língua. Mentira temperada com verdade o suficiente, a entonação apropriada, o calor de um sorriso genuíno, tudo que faça parecer verdade. Tornar o verniz da vida que levamos, da vida que levei, desde que me entendo por gente, real.

— Me chamo Quell.

O homem faz uma expressão de desconfiança.

Meus dedos doem quando a *toushana* boceja feito um gato se espreguiçando depois da soneca. Passa as garras sob minha pele, tentáculos afiados de gelo raspando meus ossos. Minha respiração acelera. A máscara do

homem desaparece, entrando em seus poros como terra seca sugando a chuva. Pisco e abafio minha surpresa. Mas ele não se abala.

— Seu coração está acelerado. Suas pupilas estão dilatadas. E, se você se mexer, a bile no seu estômago vai subir pela garganta. Algum problema? — Ele me encara com mais dureza, como se me interrogasse, mas, após um instante, o vinco entre suas sobrancelhas desaparece.

— Não, problema nenhum. Posso ir embora?

Ele me solta.

— Melhor trazer um Retentor para dar uma olhada em você — murmura para si mesmo antes de sorrir para mim. — Me desculpe. Achei que te conhecesse de algum lugar. A saída é por ali, atrás de você.

Eu me viro e, é claro, onde antes era uma parede de pedra agora é uma saída para a avenida. Que *não* estava lá há apenas um instante.

— Tá bom. Valeu.

Ele sorri, se vira, e eu sigo em direção à rua, grata por estar me distanciando daquilo tudo. Mas de repente congelo.

Meu envelope.

Eu me viro, mas a pedra ressurgiu e fechou a passagem. Uma mistura capenga de irritação com pesar queima dentro de mim. Aquele dinheiro ia nos alimentar por uma semana!

— Ei, por favor, deixa eu voltar? — Bati na parede, e o arrepio gelado da minha *toushana*, já atizado com essa história toda, entra em meus ossos com fúria, correndo até meu punho antes que eu possa evitar. Gemo por conta do calor que mais parece adagas rasgando minha pele. A pedra escurece sob meu toque, sua fachada vai se deteriorando, tijolo a tijolo, centímetro a centímetro, até eu ficar diante de uma parte destrozada da construção. *O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz?*

A memória muscular me põe em ação. Fujo. Subo a Ursulines, caio na North Peters. *Azul, Honda*. Ouço uma buzina e mamãe acena atrás do volante. Vê-la é um bálsamo para a *toushana*. O calafrio nos ossos cessa enquanto disparo em meio ao trânsito, abro a porta do passageiro e entro.

— Vai!

— Pegou o dinheiro?

— Vai, mamãe, só vai!

Mamãe pisa fundo no acelerador e o French Market vai diminuindo e ficando para trás.

Ainda estou sem fôlego quando ela me joga um desses aquecedores de mão descartáveis e meu pacote de arroz. Deixamos um no carro e dois no apartamento. Minha *toushana* se dissipou, mas a dor pulsante permanece. *Aquelas pessoas. Usaram magia. Mataram um homem!*

— O que aconteceu? — Ela olha a mochila no banco de trás e aperta o volante até a mão ficar branca. O olho com pequenas rugas ao redor. O cabelo penteado para trás tem alguns fios brancos, como fios prateados em um alqueire de trigo preto. Lembranças ficam enterradas nas dobras de sua pele, mistérios que eu daria tudo para entender. Por que tenho magia e ela não? De quem estamos fugindo? Mas a expressão dela ao entrarmos na rodovia me conta exatamente aquilo que a preocupa: é hora de ir embora outra vez.

Fico quieta e encontro algo fora do carro para olhar. Assim, mamãe não pode ver a frustração no meu rosto. Estou tão perto de me formar, o que significa ter algo próximo à liberdade. Chega de evasão escolar. Chega de professores na minha cola. Mamãe e eu poderemos simplesmente *ser*, nos esconder a olhos vistos, com muito mais facilidade, daqui a apenas duas breves semanas.

— E então?

— Não foi nada. — Aqueles homens no mercado não me viram. E o que me pegou me deixou ir embora. Não viu minha *toushana* destruir a parede. Não vou deixá-la mais agitada.

— Não mente pra mim. — O olhar dela queima.

Um arrepio sobe pelo meu braço. Só estou *tão* cansada de fugir. Mamãe respira fundo e pega o maço de cigarros da bolsa. Acende um enquanto passamos por uma fileira embaçada de museus que só conheço do lado de fora.

— Você sabe que tudo que faço é pra proteger você? — A expressão dela se suaviza. — Não temos muito, mas temos uma à outra.

Desvio o olhar. Uma casa engolida pelas chamas surge na minha memória. Ainda sinto o gosto da fumaça. Da última vez, a casa de um cara foi queimada porque saímos juntos depois da escola. Em seguida tivemos que nos mudar. Mesmo depois disso tudo acontecer, mamãe não deu nenhuma explicação. Eu

sei que ela me ama. Mas isso não significa que eu compreenda. Eu poderia ter morrido. Se eu soubesse mais, agiria com mais esperteza. Se soubesse mais, nós ficaríamos mais seguras. Talvez ela pense que sou nova demais para entender. Ela se inclina para tocar meu ombro e desejo me afastar dela. Só que não me afasto. Fico quieta e sorrio; assim, mamãe pensa que seu melhor é bom o suficiente.

Continuamos o resto do trajeto em silêncio, e tento mergulhar na história de um dos livros da biblioteca que trouxe na mochila. Mas de repente o carro para no estacionamento de um hotel barato, o lugar que mamãe conseguiu arranjar, e desço correndo.

No quarto, não consigo mais me segurar.

— Mamãe, quero entender minha magia. Entender por que fazemos isso.

Ela tira os sapatos e coloca a sacola ao lado, parece nem ter me ouvido.

— Quell. — Ela respira fundo e o cansaço aprofunda as rugas em seu rosto. — Nem sei por onde começar, como...

— Só me fala a verdade. Eu aguento.

— Você acha que aguenta.

— Eu *aguento*. Tenho 17 anos, não sou mais criança. — Meu tom é de irritação. — Por favor — falo com mais suavidade. Ela para e suspira outra vez. Um longo momento se passa. E eu espero com paciência, porque dessa vez há mais do que silêncio.

— Sua avó era uma mulher muito poderosa e influente, Quell, em um mundo totalmente diferente do nosso.

Meu peito se aperta, ansioso, ao ouvir sobre a vovó. Não pensei mais nela, nem a vi, desde que era pequena. Eu me encho de esperança, enfim vou ter respostas.

— Ela tem magia como eu? — A minha veio de algum lugar. Talvez pule gerações.

— Quando eu era pequena, nossa casa era o centro de treinamento para uma sociedade mágica secreta. — Mamãe se cobre e em seguida afasta o cobertor. — A Ordem. — Um sorriso entre nós duas. — E a vida no Château Soleil, mesmo fora de época, era...

— Château Soleil?

— A propriedade da vovó.

— *Propriedade?* Qual é o tamanho de uma casa que tem nome próprio? — Moramos com a minha avó até eu completar cinco anos. Não me lembro dessa época, na verdade. Tenho somente uma lembrança meio turva. Eu era pequena. Ela me pegou no colo. Tinha cheiro de bétula e zimbro. O sol entrava no cômodo e tudo parecia brilhar. Ela me deu um brinquedo. Eu me lembro de me sentir segura. Mas mamãe entrou desesperada, arrancou o brinquedo da minha mão e me levou do colo da vovó. E o resto fica enevoadado.

— A magia deles é diferente da sua, Quell. Eles andam pelo mundo de um jeito que você nunca poderá por causa da *toushana*.

Meus ombros caem.

— Nem tudo que reluz, querida...

— É ouro. Eu sei. — Outra dúvida surge em meus pensamentos. — A vovó sabe da minha *toushana*?

— Não.

— Então, por que...

Um trovão soa à distância e as luzes do quarto piscam. Subitamente se faz um silêncio entre nós. Mamãe franze a testa, como se estivesse concentrada em algo. Conheço esse olhar. Esse brilho que nunca cede.

— Faça as malas.

— Mamãe?

— Preciso que me conte tudo que aconteceu no mercado, Quell, agora mesmo. *Por favor*.

Ela pega a mochila, e algo dentro de mim se quebra.

Conto tudo sobre como me perdi na saída e que vi aqueles homens cometendo um assassinato, em seguida topei com o cara da máscara que se mistura à pele. Como deixei cair o envelope, e como minha *toushana* cavou um buraco na pedra quando tentei voltar. Quanto mais eu falo, mais ela aperta a alça da mochila.

Ouvimos o som distante do trovão outra vez, e sua expressão se torna sombria. Mamãe enfia algumas roupas na sacola e minha determinação vacila.

— Mamãe, por favor. — Lágrimas quentes pinicam meus olhos.

Não posso. De novo não. Estamos tão perto. Só faltam duas semanas.

Ela me entrega o vidro azul com as economias que começamos a juntar há seis anos, quando fizemos o plano da praia. Posso ver a casa que construí em

sonhos. Dois andares, formato quadrado, aconchegante com persianas. O vento salgado soprando pela janela aberta.

— Só mais uma vez, me desculpa. — Ela fecha o casaco.

É sempre só mais uma vez.

— Não acredito! — Odeio isso. Odeio tanto. Como convencê-la de que fui cuidadosa no mercado? *Eu fugi!* Vamos ficar bem, como sempre ficamos, por mais umas semanas. Travo os joelhos e tento encontrar uma voz de gente grande. — Não.

— O que foi que você disse? — O tom de mamãe é afiado, mas o modo como agarra a grade da cama denuncia medo influenciando suas palavras, não raiva.

— Eu disse *não*, mamãe. — Meu tom é mais decidido dessa vez, minha canção aumentando em mim. A magia pinica as pontas dos meus dedos e eu os escondo, tentando aquecê-los, sem saber o que seriam capazes de fazer. Nunca se acenderam com tanta raiva. O ódio oscila nela, depois se transforma em outra coisa, os olhos vermelhos pelas lágrimas. Ela apaga o cigarro e se aproxima, tão perto que sinto o gosto dele em seu hálito.

— Quer saber a verdade? Isso não é trovão. É magia.

Meu coração para.

— Não estou entendendo.

Uma lágrima escapa e escorre pela bochecha de mamãe. Ela limpa tão rápido que quase não vejo.

— Aqueles Draguns que você viu...

— Draguns?

— Assassinos da Ordem. São encarregados de executar quem tem *toushana*.

— As unhas dela se afundam no meu braço. — Se alguém descobrir seu segredo, vão te *matar*, Quell!

Suas palavras roubam meu fôlego. Tento me equilibrar na parede enquanto o mundo gira ao meu redor.

Alguém me *mataria* por uma magia que não quero, nem uso.

— E se alguém te viu no mercado? — Ela nega com a cabeça. — Não podemos arriscar. Mais uma vez, Quell, *por favor?* — Ela pega minha mão, como se o gesto fosse manter o mundo em órbita. Eu sei o que preciso fazer, mas saber não facilita. Se ela tiver razão, se dessa vez essa tal Ordem nos achou,

não tenho escolha. Abro nosso pote de economias, coloco seu conteúdo sobre a cama e o que restou de mim desmorona.

— Ok. — Respiro, tomo o peso de sua dor e abandono a minha. Mais uma vez. — Vou até a lojinha pegar o básico. Volto em cinco minutos.

— Essa é a minha garota. E... — Ela levanta a saia. Amarrada à sua coxa está uma adaga de cabo dourado, coberta de arabescos e salpicada de pedras. Ela a coloca em minha mão. — Só para garantir.

Pisco, incrédula. O metal da lâmina tem o dobro do tamanho do cabo, mas, de algum modo, é leve como o ar na minha mão. O cabo ornamentado reluz feito ouro e brilha com as pedras. Não fazia ideia de que mamãe andava armada, muito menos com algo tão... exótico.

— Se eu estiver certa e um Dragun tiver nos encontrado, pode haver mais deles.

Observo a arma na minha mão. Fria, como as palavras da mamãe. Simplesmente a coisa mais linda e perigosa que já vi. Olho mamãe nos olhos e, enfim, de algum modo, compreendo o peso que ela carrega.

— Cinco minutos — diz ela. — Nem um a mais.

Guardo a adaga e corro para a porta.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Casa Marianne"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).